

Fróes - um gênio musical do século XIX

(Condensado da "Aula Inaugural", proferida pela Prof^a Hebe Machado Brasil, no Instituto de Música da Bahia)

Falar sobre a personalidade de Fróes será bastante voltar às páginas da história da música baiana, tão intensamente ligado esteve êle, em vida e continua ainda a estar, através da sua obra criadora, da sua personalidade inconfundível e, mui particular e honrosamente, para nós, deste Instituto de Música da Bahia.

Poucos são os escolhidos pelo Criador para missão tão elevada, como a que teve Fróes e tiveram homens como Beethoven, Chopin e outros. É assim, pequeno, o número de criaturas enviado a êste Mundo, com os estímulos geniais. Sylvio Deolindo Fróes esteve entre êsse selecionado grupo de eleitos. Era o gênio com todos os seus arremates e turbulências, inclusive o descaso pela própria individualidade.

Jamais houve tempo em que a Bahia, durante anos e anos deste século, estivesse tão imersa numa atmosfera artística de intensidade extraordinária, graças ao trabalho desenvolvido pelos musicistas da época, liderados por Sylvio Deolindo Fróes e Zulmira Silvaný, sua discípula e colaboradora.

Fróes vivia essencialmente pelo burilamento de sua alma. Daí o fato do amor à Música e à Religião católica. Dir-se-ia que, para ambas, foi um sacerdote, tal a sinceridade das suas manifestações.

Frequentador diário do altar eucarístico, era na Igreja, interrompido em suas orações, por aquela Virgem Loira que visitava Casemiro de Azevedo, a Inspiração. E, para contê-la, com as suas seduções arrebatadoras, rezava em voz bem alta, como a querer sufocar na sua própria alma o que deveria expandir aos sons do órgão ou do piano, tão logo chegasse a casa ou a êste Instituto, como o reflexo do seu próprio pensamento.

Compositor - êle o foi desde os dez anos de idade, tal o prodígio do seu talento. Ao criar as suas primeiras notas, intitulou-as modestamente de "Harmonias". Eram, de fato, as inocentes harmonias de sua alma jovem, que se espalhavam aos ouvidos dos sincronistas como verdadeira música de querubins. E por achá-las assim, sua progenitora, entusiasta do seu talento precoce, denominou-a de "Música dos anjos".

Em Paris, foi recitalista de suas próprias composições, nos famosos Concerts Colonne, patrocinados por Madame Baron, dos quais obteve sucesso incomum e de que nos dá conta Darreto d'Aviz, fato, àquela época, dos mais curiosos para um simples provinciano do Brasil.

Iniciada a vida artística na Europa, com os louros conquistados mercê do seu talento, teve à sua disposição as mais famosas salas da França, que lhe proporcionaram oportunidades que não proporcionavam a

qualquer.

Amando acima de tudo a Natureza, porque reconhecia nela a maior obra de Deus, Fróes se isolava, como Beethoven para embeber-se das belezas panteístas. E, por isso, foi a Estocolmo, para reconhecer e sentir de perto o famoso "Sol de meia noite", que aparece em certa fase do verão. Esse peregrinar em busca de luz para o seu trabalho de criador, se acentuou mais tarde e tanto é assim que, embora os pequenos recursos de transporte da época, foi ao Ceará, para assistir a um eclipse total do astro rei.

Coberto de glória, voltou ao Brasil, em 1898 e regressando a casa, onde já o aguardava o apreço dos musicistas baianos, recebeu o Conservatório de Música, hoje este Instituto de Música, àquela época recém-criado e sob a direção de Miguel dos Anjos de Santana Torres, "homem que se achava velho e cansado, não tanto pela idade, mas de lutar contra a decadência da arte, cuja educação estava em poder do charlatanismo, havia uns bons 30 anos..." Estas últimas palavras não são nossas, repetimo-las de Barreto de Aviz e elas comprovam que o ambiente musical, em 1898, estava à espera de um mecenas, para fazê-lo despertar ao progresso. E esse mecenas foi o mestre Fróes, que se deu de corpo e de alma ao trabalho de re-estruturar o ensino da nossa música.

Então, com a vinda de Fróes definitivamente para esta Capital, despertou a fase que, anos mais tarde, seria considerada áurea para a educação de nossa gente. E encontramos o Mestre, com seus amigos e discípulos, no ideal de fazer música, ensinando, tocando, compondo, distribuindo a essência da arte aos seus contemporâneos. E seus alunos eram também os embaixadores de sua genialidade e, por isso visitavam os diversos Estados do Brasil, em tournées artísticas, interpretando suas obras.

A figura admirável e solene do Sylvio Deolindo Fróes assinalou uma etapa de progresso da música baiana, desde o seu ^{regresso} progresso da Europa.

Com a alma sutil do artista refinado, deixou-se Fróes seduzir pela beleza da alma infantil também e inspirando-se nas cantigas de roda, tão em uso ontem como hoje, compôs a "Dona Sancha", cuja estréia se deu em 1912, neste Salão Nobre, numa tarde domingueira. Após ouvi-la, o saudoso Carlos Chiacchio, poeta e grande animador das artes, nesta Bahia do Salvador, escreveu esta inspirada apreciação.

"Ao ouvir D. Sancha, onde o espírito criador de Fróes plasmou um mundo de mistério e harmonia, arrancado ao silêncio evocativo das coisas idas e vividas, senti que o poder interpretativo do gênio musical, não está longe de realizar o milagre profetizado por Wagner, Bem que se pode dizer toda a Beleza pura, na linguagem dos violinos, sem a ajuda das articulações verbais".

Deolindo Fróes não foi apenas um simples musicista, êle gostava de aprofundar-se na Arte, como se estudasse uma ciência. Tocava diversos instrumentos, tendo especial interesse pelo órgão e já no fim de sua vida, ainda se dedicava aos duos de harmonium e piano, que comumente fazia o fecho de ouro das programações, nesta Casa.